

O Colégio de Aplicação da UFPE no olhar dos seus estudantes: o espaço físico escolar como ambiente de relações sociais¹

*The Application School os the UFPE in the eyes of its students: the school
physical space as an environment of social relations*

Taísi Rosa Rodrigues Oliveira Lessa² ; Erinaldo Ferreira do Carmo³.

Resumo

Este artigo de iniciação científica apresenta considerações acerca dos resultados de uma pesquisa do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio – PIBIC-EM, realizada no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2016. Aqui procuramos identificar as relações sociais que ocorrem no espaço escolar e a importância da estrutura física da escola como elemento de influência sobre essas relações. O aporte teórico funda-se, basicamente, no pensamento antropológico de Signorelli (1980), na visão pedagógica de Gonçalves (2011) e na abordagem urbanística de Alexander (1978) e Kowaltowski (2011). Apresentamos a percepção dos estudantes sobre os ambientes relacionais utilizados no Colégio e debatemos como o espaço físico pode influir no desempenho desses estudantes, afetando direta e indiretamente suas ações afetivas, comportamentais e cognitivas.

Abstract

This article presents considerations about the results of a PIBIC-EM survey carried out at the School of Application of the Federal University of Pernambuco in the year 2016. Here we try to identify the social relations that occur in the school space and the importance of the physical structure of the school as an element of relevant influence on these relations. The theoretical contribution is based on the anthropological thinking of Signorelli (1980), on the pedagogical vision of Gonçalves (2011) and on the urban approach of Alexander (1978) and Kowaltowski (2011). We try to present students' perceptions about the relational environments used in the School and discuss how physical space can influence student performance, directly and indirectly affecting their affective, behavioral and cognitive actions.

Palavras-chave: Arquitetura escolar. Ambiente de Ensino. Estrutura física, Relações sociais.

Keywords: School architecture. Teaching environment. Physical structure, Social relations.

Introdução: o espaço físico da escola

1 Agradecemos aos estudantes pesquisados neste estudo, pelo envolvimento e por suas importantes contribuições, e aos pareceristas anônimos da Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, pelas indicações e sugestões bastante relevantes na revisão deste artigo. Erros remanescentes são integralmente creditados aos autores.

2 Estudante do Colégio de Aplicação da UFPE. Bolsista do PIBIC-EM.

3 Professor de Sociologia do Colégio de Aplicação da UFPE.

O estudo da estrutura física escolar, como um campo de investigação ainda em expansão, vem ganhando importância através do surgimento de pesquisas sobre a cultura escolar e a influência exercida pelo ambiente construído e ocupado sobre o envolvimento, o comportamento e o desempenho dos indivíduos que o frequentam e o utilizam (GONÇALVES, 2011). É nesse sentido que a arquitetura escolar passa a se preocupar em compreender, simultaneamente, as dimensões social, ideológica e simbólica do edifício escolar em sua cultura material.⁴ Aqui, são consideradas a materialidade das coisas e os seus usos.

No objetivo de pesquisar o uso dos espaços no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, partimos do pressuposto de que a adequação do espaço às necessidades dos seus usuários favorece a adaptação dos sujeitos no envolvimento com o lugar. Consideramos, ainda, que a noção de espaço não representa apenas a dimensão geométrica do lugar, mas também a dimensão social, sempre no entendimento de que esses espaços físicos ocupados são dotados de sentidos e impregnados por signos e símbolos que afetam quem nele convive, fazendo com que essas pessoas se envolvam diretamente.

No pensamento do arquiteto e urbanista Alexander (1978), as pessoas somente se envolvem e participam do ambiente construído no caso de se sentirem também responsáveis por ele. E elas só se sentem responsáveis quando conseguem identificar nesse ambiente construído relações que lhes envolvam de alguma forma positiva. Assim, a relação com a educação pressupõe também uma identificação com o ambiente onde ela se desenvolve. Desse modo, as referências da escola adquirem a significação do lugar, identificado e vivido pelos estudantes como ela se mostra.⁵ Seu traçado arquitetônico, sua estética e funcionalidade estrutural também compõem os elementos simbólicos do ambiente onde se produz o saber. Esses elementos são internalizados pelos estudantes dentro da cultura projetada pela escola sobre eles. É dessa forma que a escola representa um ambiente especial, como orientam Frago e Escolano (2001), pensado, construído e utilizado especificamente para a convivência social na difusão do conhecimento.

Portanto, esse estudo procura identificar como a estrutura escolar está amplamente relacionada ao processo de socialização dos estudantes. Isso ocorre porque o espaço da escola

⁴ O conceito de cultura material procura designar o universo físico construído e utilizado pelos indivíduos. Segundo Funari e Zarankin (2005), a cultura material engloba dois elementos integrados e indissociáveis: o edifício, enquanto artefato fixo, e o conjunto de artefatos móveis que ocupam o seu interior.

⁵ Signorelli (1980) afirma que o lugar se define por sua relação com os seres humanos que o utilizam, que o desfrutam, que se relacionam com ele e dentro dele, que o recorrem e o dominam.

não é concebido apenas por sua estrutura física, ou simplesmente pelo prédio onde se abrigam alunos e professores, mas sim pelo ambiente socialmente construído, que é educativo por si só, pelas relações possíveis (ora formais, ora amistosas) entre esses alunos e professores. Por isso, o espaço construído deve ser propício às relações sociais salutaras, sem priorizar as ações voltadas para a vigilância e a domesticação dos corpos, mas sim para a transformação do ambiente escolar em espaço favorável à geração de ideias, movimentos e sentimentos, isto é, um ambiente humanizado capaz de despertar o interesse em construir e socializar saberes.

1. O ambiente das relações sociais

Por relação social, aqui expressamos o comportamento coletivamente referido por uma pluralidade de agentes. A relação social consiste, então, em uma ação socialmente dotada de sentido.⁶ Nessa relação, a conduta dos sujeitos (que no momento da ação podem ser dois ou muitos, em contato direto ou indireto), orienta-se por um conteúdo de sentido reciprocamente compartilhado (CONH, 1997). Enquanto ambiente coletivo de relações sociais, o espaço físico escolar possui grande importância por se constituir cenário cotidiano de estudos, debates, reflexões, descobertas, convivências, lazer. Isso faz com que esse espaço seja convidativo aos estudantes por possibilitar um ambiente facilitador do envolvimento social, que pode se manifestar por meio da relação dialógica, do contato mais harmônico, da convivência afetiva e do prazer na permanência, ainda estabelecendo sentimentos de valorização e preservação desse ambiente comum. Geralmente, os indivíduos tendem a valorizar e proteger aquilo que lhes agradam, que lhes causam boas referências e sentimentos positivos.

No caso específico do espaço escolar, tão marcante na vida infantil e juvenil dos indivíduos, é fundamental que haja um apego por esse ambiente para que nele se estabeleçam boas relações sociais, o que favorece a topofilia,⁷ além da produção do conhecimento. Com isso, torna-se importante a preocupação emergente com a relação social nos estudos da estrutura física escolar, identificando a escola como um ambiente aberto, limpo e acolhedor,

⁶ Por ação entendemos, nesse caso, um comportamento humano (de agente interno ou externo, de omissão ou permissão) sempre na medida em que os indivíduos o relacionem com um sentido subjetivo (WEBER, 2000).

⁷ Representa o apego do indivíduo ao ambiente natural ou construído, os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material (TUAN, 1980, p. 107).

sem referências aos espaços fechados que remetem às prisões, onde as relações são moldadas de acordo com aquele ambiente.

Essa percepção da arquitetura escolar, em sua preocupação com as relações sociais, tem defendido a edificação de escolas como um ambiente confortável e propício às atividades educacionais, para estudantes e professores, com a adequação no tamanho da sala de aula, a abertura de espaços livres para jardinagem, a construção de novas áreas abertas para trabalho e convivência. Quando a escola se constitui em ambiente confortável, facilita, conseqüentemente, a atuação docente na gestão da sala de aula, ação esta que se relaciona com os alunos e com o ambiente físico.⁸ Mas quando o ambiente é desconfortável, passa então a exigir dos seus ocupantes um esforço adicional para superar ou se adequar às deficiências impostas pelo lugar, e isso atrapalha o bom relacionamento entre os próprios alunos e entre estes e o professor.

2. Questões metodológicas

Esta pesquisa teve como objetivo central identificar as relações sociais possibilitadas em espaços diferentes que compõem o ambiente escolar. No caso do Colégio de Aplicação da UFPE, instituição de educação básica da rede federal de ensino, tomamos como ponto de partida a noção de que a escola é uma instituição que deve favorecer as relações sociais e por isso ela precisa apresentar, além de outras questões, condições físicas e materiais ao seu bom funcionamento e ser facilitadora das relações entre os seus estudantes em todos os espaços da instituição, o que vai favorecer o fortalecimento das relações coletivas, solidárias e horizontais.

Para tanto, recorreremos ao método qualitativo, envolvendo a análise dos espaços escolares e as relações sociais ocorridas nesses mesmos espaços. A construção dos dados, por sua vez, contou com os seguintes procedimentos metodológicos: observação participante, análise documental e entrevistas semiestruturadas com estudantes do ensino fundamental e do ensino médio. Aos estudantes abordados, foram apresentadas fotos que identificavam cada ambiente da escola. Os pesquisados emitiam expressões que representavam os seus sentimentos sobre a convivência no local visto na imagem apresentada. Foram entrevistados

⁸ O conceito de gestão da sala de aula é apresentado por Veiga (2011) como o conjunto de ações para criar um ambiente de ensino e de aprendizagem, adequando o ambiente físico, clarificando as regras e os procedimentos, de modo a manter o envolvimento dos alunos nas tarefas e a atenção aos conteúdos à estudar.

20 alunos entre os meses de agosto e outubro de 2016, sendo 10 do ensino fundamental (cinco alunas e cinco alunos) e 10 do ensino médio (cinco alunas e cinco alunos).

3. Os espaços físicos e as relações sociais

Sabemos que o espaço exerce influências sobre o comportamento do indivíduo e que o ambiente de reclusão impacta negativamente na adaptação do sujeito. Até mesmo a cor de uma parede interfere no habitat. A visualização das cores do ambiente, em sua tonalidade, pode causar no indivíduo o estímulo à permanência ou a fadiga (KOWALTOWSKI, 2011). Por isso, a reflexão sobre essa realidade nos faz perceber que as estruturas edificadas facilitam ou dificultam as atividades pedagógicas e influenciam de forma favorável ou desfavorável a socialização entre os educandos, estimulando ou desestimulando a simbiose desses com o lugar, com o espaço onde ocorrem as relações sociais e com isso interferindo sobremaneira no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, passamos agora a apontar, nessa parte do texto, as características de cada espaço pesquisado, a partir do olhar e da percepção dos próprios alunos entrevistados, começando pelo ambiente mais utilizado cotidianamente: a sala de aula.

Figura 1. Sala de aula do Colégio de Aplicação da UFPE



Nas falas dos estudantes entrevistados, as salas de aula foram associadas a espaços de trabalho, ambientes organizados e confortáveis, mas também foram comparadas a locais de

confinamento e pressão.⁹ Entre os estudantes do ensino fundamental, a sala de aula foi apontada como um dos locais onde eles mais gostam de estar. As salas do colégio são espaçosas, iluminadas e aparelhadas com equipamentos de projeção, mas são pouco arejadas e não apresentam uma acústica apropriada. Elas comportam confortavelmente 30 assentos, sendo este o quantitativo de alunos por turma.

Em alguns casos pontuais foram verificadas dificuldades de acompanhamento das aulas pela danificação de aparelhamentos eletrônicos de projeção e em algumas situações foi registrado o desconforto ocasionado pela quebra de equipamentos de refrigeração. Com esse problema, especificamente, surge o dificuldade da permanência no ambiente devido às temperaturas elevadas, e nesse caso, de acordo com Kowaltowski (2011), o calor excessivo causar sonolência, alteração nos batimentos cardíacos e aumento da sudação, sendo uma condição extremamente desfavorável ao rendimento escolar.

Figura 2. Fachada da entrada do Colégio de Aplicação da UFPE



A fachada da escola foi apontada pelos estudantes pesquisados como uma estrutura moderna e bonita, para alguns, e como uma entrada que não é tão bem cuidada, para outros. Este espaço sofreu uma intervenção recentemente com a recuperação do letreiro, a limpeza dos ladrilhos e a reforma da calçada. A fachada de uma edificação tem o poder simbólico de atrair ou repelir os sujeitos, apresentando uma ideia inicial de representação do interior do ambiente. Por isso a fachada deve ser atrativa, para que o público se sinta convidado a entrar e permanecer. Ela precisa ser um local agradável, pois representa uma espécie de cartão de visita para os alunos, professores e pais.

9 Essas palavras condensam as expressões utilizadas pelos alunos pesquisados em referência à sala de aula, apontada como local de afastamento do convívio com os outros colegas, de reclusão entre quatro paredes, das obrigações em cumprir tarefas, de aplicação de forças (não físicas) para a aprendizagem, etc.

Figura 3. Piso superior vazado do Colégio de Aplicação da UFPE



No ambiente do primeiro andar estão dois corredores paralelos de acesso às salas de aula, banheiros e biblioteca. É um espaço pouco usado pelos alunos para conversas em encontros e reuniões mais demoradas. As paredes são limpas, assim como nas demais partes internas da escola, surpreendendo pela ausência de pichações e de objetos intencionalmente destruídos, ou seja, não são visíveis atos de vandalismo praticados pelos alunos. Essa é uma referência relevante porque o vandalismo é um exemplo de violência praticada pelo sujeito contra algo que o desagrada e com o qual ele não se identifica como partícipe, uma reação de determinados indivíduos a ambientes que desagradam e onde predomina a ausência de elementos humanizadores (KOWALTOWSKI, 2011). Portanto, a ausência de atos de vandalismo significa uma relação de envolvimento do aluno com a instituição.

Figura 4. “Quadrado” – espaço fechado do Colégio de Aplicação da UFPE



O quadrado é um espaço bastante conhecido dos estudantes do colégio. Trata-se de um ambiente pouco utilizado, mas que tem uma frequência regular de alguns poucos alunos que

querem descansar ou conversar mais afastados dos demais colegas. Nas entrevistas, esse espaço também foi citado como inútil, por não ser empregado em nenhuma atividade escolar.

Figura 5. Átrio do Colégio de Aplicação da UFPE



O hall do Colégio, local de grande circulação de alunos nos espaços de tempo entre as aulas, possui características de ambiente fechado e vigiado (como o panóptico). Para Foucault (2012), a escola, assim como o hospital e a prisão, surgiu como uma instituição de controle, que retira compulsoriamente os indivíduos do espaço social mais amplo e os internam, durante um determinado período, para moldar suas condutas, disciplinar seus comportamentos e formatar seus pensamentos. Idealizado no final do século XVIII por Jeremy Bentham, o panóptico representa uma obra arquitetônica onde os indivíduos, em diferentes compartimentos, se sentem vigiados o tempo todo. O panóptico inspirou a construção de muitas prisões, hospícios, fábricas e escolas, locais onde a coerção se mantinha permanentemente atuante, dando aos indivíduos a sensação de constante vigilância, assim internalizando a disciplina e o comportamento dócil.¹⁰

Figura 6. Recreio coberto do Colégio de Aplicação da UFPE

¹⁰ Para ler mais sobre o panóptico e a sociedade disciplinar, ver <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/sociedade%20disciplinar/Pan%C3%B3ptico.htm>



A sensação de vigilância não foi apontada pelos alunos quando analisaram as imagens dos espaços abertos de convivência (quiosques e recreio coberto), mesmo sendo esses espaços também ambientes controlados, onde existe a vigilância pessoal e agora também a vigilância eletrônica.

O recreio coberto foi indicado pela maior parte dos alunos como um espaço de interação, apesar do seu desconforto causado pelo teto em cobertura de metal, o que torna o ambiente muito quente durante quase todo o ano. É nesse ambiente onde são feitas as refeições oferecidas pelo colégio (lanche e almoço).

Figura 7. Quiosques do Colégio de Aplicação da UFPE



A área dos quiosques foi indicada pela maioria dos alunos como um espaço agradável. Assim como o recreio coberto, os quiosques permitem a visualização do Lago do Cavouco¹¹ e da área verde em seu entorno. Essa condição de contemplação de elementos da natureza torna o ambiente bem mais agradável, pois a presença de vegetação propicia a satisfação visual que

11 Nascente de lençol freático, que reclusa as águas pluviais do entorno, em uma ampla área bucólica localizada no *campus* da UFPE, em Recife, nas proximidades do Colégio de Aplicação.

se dá com a observação das paisagens e o sentimento de ambiente saudável (KOWALTOWSKI, 2011). A área dos quiosques foi apontada, entre as meninas, como o ambiente onde elas mais gostam de ficar. Já entre os meninos, as áreas preferidas são os quiosques e a quadra de esportes. A quadra é o local preferido dos estudantes do ensino fundamental, enquanto os estudantes do ensino médio preferem o recreio coberto. Nas entrevistas realizadas também foi registrada a sujeira deixada pelos alunos, tanto da quadra, quanto da área dos quiosques.

Figura 8. Quadra poliesportiva do Colégio de Aplicação da UFPE



A pequena área de convivência, em formato de pracinha, localizada na entrada do colégio foi destacada pelos estudantes como um importante espaço de interação.

Figura 9. Área de convivência do Colégio de Aplicação da UFPE



O que os estudantes mais gostam no colégio é da convivência com os colegas e da interação entre estudantes, professores e funcionários. Essas relações de interação ocorrem regularmente nos espaços de maior convivência. E por apreciarem essas relações de interação, esses alunos aprovam os espaços que mais lhes propiciam a convivência pacífica e harmônica, a exemplo da sala de aula, do recreio coberto, da quadra e dos quiosques.

Conclusão: espaços e relações em aquiescência

Diante dessa dinâmica observada e considerando a estrutura física da escola como elemento relevante no envolvimento e no comportamento do aluno ante as atividades escolares, concluímos que a presença de equipamentos adequados e de estrutura física apropriada possibilitam a participação do aluno na escola, fazendo desse espaço um ambiente atrativo, um espaço incorporado pelos seus usuários para a prática pedagógica.

A pesquisa ainda registrou a falta de equipamentos de acessibilidade e a dificuldade de mobilidade dos estudantes quando são impedidos, por motivo de enfermidade, de acessar as salas de aula e os serviços educacionais localizados no piso superior, causando uma limitação de deslocamento.

Por fim, também foi possível identificar, por meio desse trabalho de pesquisa, a contribuição da estrutura física do Colégio para a intervenção dos sujeitos nos processos sociais, com espaços destinados à convivência e ambientes saudáveis para encontros e reuniões informais e efêmeras dos estudantes. Ainda ficou claro que entre os estudantes há um sentimento de pertença, uma cadeia ampla de laços afetivos e contatos interpessoais, além de uma adaptação à estrutura física escolar como espaço favorável ao desenvolvimento das relações sociais pacifistas.¹²

12 Para ler mais sobre o sentimento de pertença, o envolvimento e a participação dos estudantes na escola observada neste trabalho, ver CARMO, E. *Envolvimento do Estudante na Escola: teoria e prática em um estudo de caso*. < <http://www.olhares.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/647/240> >.

Referências

ALEXANDER, C. et al. **Urbanismo y participación: el caso dela Universidad de Oregón**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.

CONH, G. Weber: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FUNARI, P.; ZARANKIN, A. **Cultura material escolar: o papel da arquitetura**. Pro-Posições. v. 16. n. 1. abr. 2005.

GONÇALVES, R. **Arquitetura flexível e pedagogia ativa: um (des)encontro nas escolas de espaços abertos**. Universidade de Lisboa, Instituto de educação, 2011.

KOWALTOWSKI, D. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

SIGNORELLI, A. Integración, consenso, domínio: espacio y vivienda en una perspectiva antropológica. In: PIGNATELLI, P. **Análisis y Diseño de el Espacio que Habitamos**. México: Concepto, 1980.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

VEIGA, F. et al. Agentes de socialização da violência e vitimização escolar. In: CALDEIRA, S; VEIGA, F. **Intervir em Situações de Indisciplina, Violência e Conflito**. Lisboa: Fim de Século, 2011.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: UnB, 2000.